



O DESPERTAR

Boletim Religioso
da

IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

MENSAGEM EPISCOPAL

QUARESMA

Rev.^m Bispo D. Luís Pereira

DÁ-SE muitas vezes à Quaresma um sentido negativo e legalista, e por conseguinte o mais contrário possível ao espírito do Evangelho.

Um pouco à semelhança do domingo dos puritanos, a Quaresma para muitos é sobretudo uma época em que **não** se pode, ou **não** é próprio fazer certas coisas.

Ora assim como o jejum que agrada a Deus (segundo o Deutero-Isaiás) consiste não tanto em privar-se de alimentos como na prática intensiva e sacrificial da justiça e da caridade (Is. 58. 5, 6), do mesmo modo a observância bem entendida da Quaresma, deve consistir na intensificação dos aspectos positivos da vida cristã.

Certamente que a Igreja nos chama nesta quadra, como em outros dias ditos «de jejum», à prática de «actos de renúncia e autodisciplina»; mas estes actos devem ter como finalidade principal, o crescimento em graça e o bem do próximo.

Note-se que se trata duma **intensificação**, porque o arrependimento, a renúncia, a autodisciplina e a caridade, são da essência do discipulado cristão em qualquer época do ano, e não apenas na Quaresma.

Esta intensificação deve ser feita principalmente sob dois aspectos:

Em primeiro lugar, como uma espécie de treino, de fortalecimento da vontade e dos bons hábitos devocionais, de renovação. enfim, para aquele «bom combate» em que estamos alistados desde o Baptismo. Havemos deste modo de passar mais tempo a ler a Bíblia e a fazer oração; procuraremos estudar nesta época algum livro religioso profundo que tomaremos para nosso «livro de Quaresma»; assistiremos a mais Ofícios na Igreja do que costumamos; daremos, para a Obra da Igreja e para os pobres, maior parte daquele dinheiro que usualmente gastamos em coisas supérfluas ou de menos necessidade.

Em segundo lugar, as nossas acções de renúncia e devoção quaresmais, devem ser praticadas, como homenagem

EDITORIAL

Neste último mês de Fevereiro, procedeu-se em todos as paróquias da Igreja Lusitana às eleições das respectivas Juntas. Constituem estas assembleias eleitorais uma participação activa do Povo de Deus, englobando-o nos problemas da Igreja e responsabilizando-o pelo bom andamento do que é necessário à sua acção.

Poder-se-ia dizer duma forma breve que o objectivo imediato das Juntas Paroquiais é a administração dos bens da paróquia. Uma má administração significaria desinteresse por tudo o que diz respeito à expansão do Reino de Deus. Pelo contrário uma boa administração seria indício do entusiasmo, da dedicação e da fé dos membros da paróquia.

Mas o trabalho das Juntas transcende a simples administração de bens.

É a expressão da vontade do povo na vida da Igreja, na propagação do Evangelho de Cristo. É o ponto de encontro entre clérigos e leigos, todos eles responsáveis pela acção da Igreja.

É à Junta que o Bispo recorre primeiro antes de ordenar qualquer clérigo. É a Junta sempre ouvida, quando algo necessita de interferência superior. É um dos seus delegados que no Sínodo faz ouvir a opinião dos seus co-paroquianos.

Os delegados de todas as Juntas no Sínodo são em número igual ao dos clérigos ali reunidos. Têm liberdade plena do uso da palavra e de voto. Se o representante leigo, por exemplo, não exprime na altura devida o pensamento geral da paróquia que representa, a culpa só pode ser sua e da Assembleia que o escolheu. Daí a importância das Assembleias eleitorais. Não esquecer.

(Continua na pág. 9)

(Continua na pág. 9)

NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

«A Voz», «O Despertar» e o Concílio . . .

«Por bem fazer, mal haver?» Assim começa «A Voz», respondendo ao que aqui escrevemos sobre a sua primeira nota «A Igreja «Lusitana» desiludida». Faz entender depois que foi sempre a sua ideia fazer verdadeiro diálogo connosco, em espírito ecuménico.

De facto, não foi isto bem o que nos pareceu. Mas a culpa devia ter sido nossa; não ter compreendido pelas palavras escritas o que lhe ia no íntimo do seu pensamento.

Agora que já sabemos a sua intenção, fique certo o nosso prezado colega, teremos mais cuidado. Poremos as palavras de guarda e procuraremos, sim, penetrar no sentido profundo do que nos deseja transmitir de puro diálogo e de fraternal ecumenismo.

De resto, não nos parece que disséssemos algo que fosse ferir a sua sensibilidade. Escrevemos tão sómente, e tão claramente quanto pudemos, o que entendíamos sobre Ecumenismo, Catolicismo e sobre o Concílio, que afinal ainda não acabou e que sob muitos aspectos tanto nos encheu de entusiasmo.

As nossas opiniões diversas não nos devem tornar inacessíveis. Pelo contrário. É dialogando, expondo simplesmente o que se pensa, que poderemos alcançar o nosso único objectivo, o merecermos ser chamados filhos de Deus e assim verdadeiros irmãos.

O Ecumenismo em marcha . . .

Não me esqueço das lágrimas que me correram pela face, quando da reunião da «Pragma», durante o Oitavário pela Unidade da Igreja, cerca de 500 pessoas, entre católicos e protestantes, se levantaram, e, em uníssono impressionante de convicção sincera, oraram a Deus nas simples palavras da oração dominical — «Pai nosso que estás nos Céus...» Pai nosso... Pai Santo de toda a humanidade!

Todo este movimento ecuménico dum lado e doutro é um sinal extraordinário, visível, da Providência, ao deparar com os filhos de Deus separados, lutando entre si e deixando de rastos a mensagem de Amor. Eis, segundo «A VOZ» de 23 de Janeiro de 1965, o que uma revista dirigida por Jesuítas nos conta do que se passa no lado Católico-Romano, que, «mutatis mutandis» se pode assemelhar também a muito do que se passa infelizmente no nosso lado. São de ouro as seguintes palavras, e que todo o mundo as leia.

«Certos Católicos falam como se nada se tivesse produzido no decorrer dos últimos anos da Igreja, e conservam uma mentalidade herdada da polémica anti-Protestante dos séculos passados. (...) Ora o pensamento autêntico da Igreja sobre o problema da Unidade vem expresso no Decreto Conciliar sobre o Ecumenismo. Esse documento não fala

no regresso dos hereges e dos cismáticos, mas sim de um movimento dinâmico para a Unidade, movimento que não deve vir só dos Irmãos separados para a Igreja Católica mas também desta para os outros cristãos. A Unidade será assim um encontro em que a Igreja Católica dará aos cristãos separados o que eles perderam, quando a abandonaram. Mas ela receberá também o que os cristãos separados produziram de realmente cristão no decorrer dos séculos de separação, sob o impulso do Espírito Santo».

Dos que nos lêem . . .

Costumam dizer os que escrevem em periódicos que o fazem para meia dúzia de seus leitores. É o que realmente acontece connosco. E quando vem até nós a confirmação de existirem esses seis leitores, quanta alegria sentimos.

Escrevemos no último número uma pequena síntese, despretenhosa decerto, sobre a história do primeiro milénio da Igreja neste canto da Lusitânia, englobada desde os primeiros séculos na vida da península hispânica e sofrendo as convulsões que a desorganizaram e as glórias que a tornaram célebre, e que fizeram chegar até nós a sua força orgânica e a sua tradição.

Ainda que durante o segundo milénio para reforço da sua fortaleza ou para sua desgraça, a ligasse uma íntima dependência a outra Igreja, cujo domínio excedeu bastas vezes um significado católico, o facto é que a Igreja Lusitana existe latente, como nos disse o Cónego Eduardo Moreira, em todas as Igrejas de Portugal, em todos os seus recantos, na alma de todos os cristãos portugueses, qualquer que seja a forma por que a entendam.

Recebemos alguns pareceres sobre o que dissemos nessa resenha histórica. Uns que gostaram e outros que manifestaram menos aceitação sob vários aspectos, como um ilustre professor dum seminário católico-romano que, numa carta ao nosso director, carta que aliás tanto nos cativou pela sinceridade do seu espírito e desejo de compreensão dos seus irmãos separados, assim se refere aos nossos comentários históricos. «Também me parece bastante simplista a resenha histórica intitulada «Notas e Comentários». É claro que o vosso colaborador Paulo Agostinho, não podia certamente fazer um trabalho exaustivo, num boletim como «O Despertar». Mas de qualquer modo apresentar os problemas daquela maneira, não pode deixar de provocar, em quem conheça um pouco de história, uma desagradável impressão de superficialidade e ingenuidade».

Creio poder-se concluir que o que chocou mais o nosso distinto leitor foi a forma e não a sequência dos factos em si, cujas fontes documentárias indicámos. Não somos nós os nossos próprios juizes. Despretenhosa todavia, já lhe chamámos. E se assim é, se não fora o desejo de informar

os nossos leitores das razões de ser da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica e da sua história antiga, não tentaríamos sequer tocar no assunto . . .

Parece-nos porém que, apesar dos senões que alguns nos apontam, conseguimos atingir o nosso objectivo. Pelo menos fomos oportunos, e disto é prova termos recebido doutras proveniências sinais visíveis de satisfação pelos dados históricos que fornecemos.

Permitam-nos pois que dentre algumas cartas favoráveis citeamos a de um professor de história de um dos liceus da capital, que algumas vezes temos tido o prazer de encontrar na nossa Catedral de S. Paulo, às Janelas Verdes. Escreve-nos o seguinte:

Ao ler o número de «O Despertar» que traz uma análise mais ou menos documentada — o «menos» não é pejorativo, visto que em tão pequeno boletim pouco mais se poderia dizer sobre uma questão deste tipo — acerca da evolução histórica que permite fundamentar as actuais pretensões da Igreja Lusitana, fiquei agradavelmente surpreendido com a clareza e a sensatez do artigo de Paulo Agostinho.

A essencial divergência teológica entre uma Igreja que aceitou determinados princípios reformados e a Igreja Católica Romana não é neste artigo considerada. Nem vinha isso a propósito. Tratava-se de pôr às claras um problema de governo da Igreja». Não é erróneo nem absurdo apresentar-se uma diferença de concepções a propósito dos períodos anteriores e posteriores ao pontificado de Gregório VII. Além do que, o dogma da infalibilidade papal é (como se sabe) muito recente.

Eis em resumo o resultado da nossa conversa com os nossos leitores, proveitosa sob vários pontos de vista. Expusemos o nosso pensamento e a nossa doutrina, indo buscar às raízes da história o espírito da grei lusitana, cujos avós tanto prezaram a sua autonomia religiosa. E não o faziam por mero individualismo, ou espírito de seita, mas dentro da mais pura concepção católica: obediência aos concílios universais; ligação fraterna com todos os centros metropolitanos do mundo de então; o estar dentro dum consenso católico; e nas coisas internas, bastar-se a si própria.

(Segue na 1.ª coluna da 3.ª pág.)

O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DESTINADO AOS
FIÉIS DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Corpo Redactorial:

SAUL DE SOUSA — Redactor principal
JOÃO SOARES DE CARVALHO
DAVID RODRIGUES PEREIRA

Correspondentes:

Porto — A. FERREIRA ARBIOL
Rua do Cativo, 6 — Porto

Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA
Edifício Pio XII, Apt. 207 — Petrópolis.
Rio de Janeiro

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua
do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de
Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira — Tel. 163

NOTA: Toda a permuta deve ser enviada
à Redacção.

Esclarecendo . . .

A Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, tem este nome e não tem outro. Foi assim chamada em 1880, quando da sua restauração, expressão esta que significa a sua vontade «de não fundar uma nova religião, mas reivindicar as liberdades da primitiva Igreja Lusitana, por muito tempo sujeita a Roma, difundindo por todo o país uma doutrina que seja Católica e Apostólica, numa Igreja Portuguesa» (prefácio da 1.ª edição do Livro de Oração Comum, que data de 1884).

É um facto que o vulgo nos chama protestantes. E na realidade aceitamos o nome, visto que o impulso da Reforma do século XVI foi o início no Ocidente da libertação das Igrejas Nacionais, algumas das quais conservaram o episcopado histórico, como a Igreja Anglicana, a Igreja da Suécia e a da Finlândia. Muito devemos, em orientação, à Igreja Anglicana; já tivemos ocasiões algumas vezes de o dizer.

Chamam-nos também *católicos reformados*, nome que nos assenta bem, visto que, sendo católicos, aceitamos determinados princípios da Reforma do século XVI. Da mesma forma nos chamam «tout court» *católicos evangélicos*. E está igualmente certo.

Alguns gostam muito de nos chamar «episcopais». O nome não tem nada que nos moleste. Mas já tivemos ocasião de dizer (1) que o nome «episcopal» pouco define, a não ser que se conserva o governo episcopal. Mas muitas outras Igrejas o conservam. O nome «episcopal» teve origem, como cognominação duma Igreja, (2) na qual o nome da Igreja Anglicana, ali estabelecida, perdera a razão de assim se chamar. Foram assim obrigados a recorrer então ao nome de Episcopal. Foi assim determinada uma posição entre os católicos romanos, e os protestantes que não possuíam o episcopado histórico. Este nome propagou-se depois para algumas das Igrejas da Comunhão Anglicana da América do Norte e do Sul. Mas não nos parece, salvo o devido respeito, que tenha razão de ser nos países que tenham tradições eclesíasticas nacionais como o nosso. A maneira como os nossos pais resolveram o nome, quando da restauração da antiga Igreja Lusitana, não podia ter sido mais feliz.

Igreja Lusitana, porque é nacional e reivindica as liberdades da primitiva Igreja da Lusitânia.

«*Católica*, porque sustenta o autêntico catolicismo, isto é, o catolicismo constituído por tudo quanto foi universalmente recebido pela Igreja indivisa dos primeiros séculos». (3)

Apostólica, porque descende directamente dos Apóstolos pelo seu episcopado histórico.

«*Evangélica*, porque proclama o Evangelho, a Boa Nova da Salvação completa, pela graça em Jesus Cristo Nosso Senhor e só n'Ele». (3)

Ficou esclarecida a pergunta que alguns leitores nos fizeram. sobre qual o nosso verdadeiro nome? Ficou bem compreendido que só temos um nome, e não temos a culpa que, sem que isso nos incomode de resto, algumas pessoas nos apeliem de outra forma, que não é de modo algum pejorativa nem desonrosa? Como acima referimos, alguns deles têm alguma justificação e podem ser empregados em certo sentido, como *católicos reformados*, *católicos evangélicos*, ou, igualmente, *católicos lusitanos*.

(1) - Ver «O Despertar» n.º 14 - Notas e Comentários (3.ª Coluna).
(2) - Igreja Episcopal na Escócia.
(3) - Ver «Carta Pastoral» 1964 (pág. 3).

Antologia Devocional

PENITÊNCIA

E' a penitência caminho por onde se sai da terra da culpa, para o Céu da graça: ou para melhor dizer, é atalho brevíssimo, pelo qual se passa do descaminho, por onde caminhava errado o pecador a precipitar-se no inferno, ao verdadeiro caminho da salvação; pelo qual, da região do pecado, que ficava em larguíssima distância, torna o filho desobediente à graça de seu Eterno Pai; tão breve de andar, que não tem de comprido mais que um só **Pequei**, dito com a dor, com que David o disse; e por isso verdadeiramente atalho; porque não há atalho sem trabalho. E' a penitência escada para a graça, da mentira para a verdade, do amor do mundo para o amor divino. Este salto, e esta mudança nos faz tão outros, que de escravos do demónio nos torna filhos de Deus; de perdição e cativos da culpa, nos faz amigos de Deus, ricos de Sua graça, herdeiros da Sua glória: quem assim se muda, se antes ia correndo à rédea solta para os infernos, depois se veste de asas para voar aos céus.

Frei António das Chagas

MISERERE

Meu pecado é contra mim
Sempre, que nunca me deixa.
Lava-me fonte sem fim,
Olha que a Ti só eu vim,
E minha alma a Ti se queixa.
A Ti só, Senhor, pequei,
Ante Ti fiz a maldade,
Justifica-me, grão Rei,
Que podes mudar a lei
De justiça em piedade.

.....

O sacrificio a Deus aceito
E' o espirito atribulado
Pelos males que tem feito,
Porque não andou direito,
Porque se vê condenado.

.....

Senhor meu Deus, Tu recebe
Em oferta esta oração.
E a minha alma percebe
Que caminhe como deve
Para minha salvação.

Gil Vicente

AS CONFERÊNCIAS DA PRAGMA

De entre os vários acontecimentos que assinalaram a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, destacam-se, pelo seu especial significado, duas conferências promovidas pela Pragma, Cooperativa de Difusão Cultural e Acção Comunitária. A Pragma é uma agremiação fundada no espírito da Encíclica «Pacem in Terris» de João XXIII e que não estando ligada a qualquer confissão religiosa, se dirige a todos os «homens de boa vontade».

A primeira conferência foi proferida no dia 18 de Janeiro por Frei Bento Domingues O. P., que falou sobre a posição católica romana acerca do ecumenismo



P. Paulo Couturier
Apóstolo do Ecumenismo Espiritual

Após haver historiado a atitude da Igreja Romana em relação ao movimento ecuménico — utilizando palavras do venerando Pastor Marc Boegner da Igreja Reformada de França «porque receava não conseguir usar de tanta caridade» — analisou de forma brilhante e desassomburada o Decreto Conciliar «De Oecumenismo».

Uma semana mais tarde, realizou-se a segunda conferência, aguardada com grande expectativa. Falou o senhor Bispo da Igreja Lusitana sobre o movimento ecuménico do ponto de vista das Igrejas não romanas.

O senhor D. Luís resumiu a história do Movimento Ecuménico e relatou o papel e a evolução dos diferentes movimentos que conduziram até ao Conselho Mundial das Igrejas. Em seguida mencionou algumas características das Igrejas

A TRAVÉS da imprensa diária soube-se a notícia da visita do Cardeal Bea, Presidente do Secretariado do Vaticano para a Unidade Cristã, à sede do Conselho Mundial das Igrejas, no passado dia 18 de Fevereiro e do anúncio, feito nessa ocasião, de que a Santa Sé aceitava, oficialmente e pela primeira vez, fazer parte duma comissão em conjunto com representantes do Conselho Mundial das Igrejas.

Importa salientar a importância do acontecimento, sem dúvida um dos mais relevantes na história do Movimento Ecuménico e que marca, de momento, o ponto culminante da mudança da atitude do Vaticano para com o Conselho Mundial das Igrejas. De facto, até há bem recentes anos, a hierarquia Católica Romana encarava com desconfiança, ou mesmo com hostilidade, a hipótese de contactos com o Movimento Ecuménico, cujas bases haviam sido condenadas pela Encíclica «Mortalium animos» de Pio XI. O envio de observadores às reuniões do Conselho Mundial de Igrejas era sistematicamente proibido e os encontros ecuménicos rodeavam-se de precauções desencorajadoras.

Graças ao Espírito Santo, esse tempo passou e a nova era é de diálogo franco. Neste ambiente propício, a Comissão Central do Conselho Mundial das Igrejas, que reuniu em Janeiro passado em Enugu, aprovou, após contactos preliminares favoráveis, a constituição dum grupo de trabalho comum com a Igreja Católica Ro-

separadas de Roma, que dividiu em três grandes grupos. (1) Igrejas Orientais, a maior parte constituindo a Igreja Ortodoxa; (2) Igrejas Católicas Ocidentais — nas quais se inclui a Igreja Lusitana; e (3) as Igrejas Protestantes propriamente ditas. Por último analisou várias perspectivas e possibilidades de reunião.

No final das conferências, escutadas por numeroso auditório de variada formação religiosa, houve oportunidade para perguntas e debate. Contudo, o momento mais alto, atingiu-se quando no final de ambos os encontros o sr. Presidente da Assembleia Geral da Pragma convidou o nosso Bispo a dirigir os presentes na recitação do Pai Nosso, e um emocionante coro de centenas de pessoas repetiu com fervor a Oração Dominical.

mana para estudar os princípios e os métodos de colaboração. Esse grupo de trabalho dará especial atenção aos seguintes assuntos:

- 1) Colaboração prática no domínio filantrópico, social e internacional;
- 2) Estudos teológicos de carácter ecuménico;
- 3) Pontos de conflito entre as Igrejas, tais como os casamentos mixtos, a liberdade religiosa e o proselitismo;
- 4) Preocupações comuns no que respeita à vida e à missão da Igreja, por exemplo o papel dos leigos e questões missionárias.

Grande Aconteci

O grupo de trabalho, tendo em vista a existência de divergências em matéria ecuménica, que obrigam a largo esclarecimento das respectivas posições para se chegar a acordo mútuo, formulará proposições que serão submetidas à apreciação das autoridades religiosas.

O Cardeal Bea e o Pastor Marc Boegner, Presidente Honorário da Federação Protestante de França, que o acompanhava, foram recebidos pelo Secretário Geral do Conselho Mundial das Igrejas, dr Visser't Hooft. No decorrer da recepção foram pronunciados importantes discursos de que transcrevemos os pontos principais.

Afirmou o dr. Visser't Hooft:

«... O nosso encontro não teria sido possível sem longa e lenta preparação. Pensamos nos primeiros que tiveram a coragem de proclamar a necessidade, a inevitabilidade da acção ecuménica numa época em que as Igrejas viviam ainda em isolamento quase total.

Durante os anos em que se estudou a fundação do Conselho, as nossas actividades foram acompanhadas por alguns ecumenistas

católico-romanos. Estes contactos eram úteis mas faltava-lhes a dimensão.

Eis a razão por que nos alegrámos quando o Papa João XXIII decidiu criar o Secretariado para a promoção da Unidade dos Cristãos».

Mais adiante, referindo-se ao Decreto «De Oecumenismo», observou:

«...Não podemos subscrever todas as afirmações do Decreto, mas sabemos apreciar o que este Decreto significa na história do ecumenismo. Desejaria assinalar dois pontos que me parecem especialmente importantes.

O primeiro é o Decreto dizer muito claramente que os futuros

mento Ecuménico

programas do ecumenismo dependem da renovação da vida da Igreja compreendida como uma fidelidade crescente à sua vocação. Na vida do Conselho Ecuménico descobrimos já que as Igrejas só poderão avançar para a unidade quando libertas de tudo o que for estranho à sua verdadeira natureza e purificadas e renovadas pelo Espírito Santo e pela Palavra de Deus.

Portanto, alegra-nos que o decreto fale das Sagradas Escrituras como um instrumento insigne nas mãos potentes de Deus para obter esta unidade que o Salvador oferece aos homens.

Alegra-nos, igualmente, ver na presidência do Secretariado para a promoção da Unidade dos Cristãos, alguém que foi sempre um estudioso da Bíblia e um dos seus mestres mais eminentes.

Em segundo lugar, verificamos que o decreto rejeita todo o confusão ecuménico e descreve a acção ecuménica como um diálogo honesto no qual as diferenças são consideradas com toda a seriedade.

Não escondemos as nossas diferenças. Não vemos a maneira como podemos reconciliá-las. O ecume-

nismo não se baseia sobre a impressão de estarem as diferenças a desaparecer. O ecumenismo baseia-se sobre a convicção de que, apesar das diferenças, havemos de procurar o diálogo e, se possível, a colaboração».

Por sua vez, o Cardeal Beatis disse: ... «A expressão *Irmãos em Cristo* resume tudo aquilo que, em comum, possuímos de mais profundo, em virtude do Baptismo, razão por que estamos enraizados e fundados no amor e portanto em Cristo (Ef. 3. 17). A expressão *Irmãos em Cristo* simboliza, por outro lado, o espírito de que devemos e queremos encontrar-nos, qualquer que seja a nossa confissão. A mesma expressão indica igualmente a nossa finalidade, isto é, que desejamos ser perfeitamente irmãos em Cristo, logo perfeitamente unidos, como Ele quer que estejamos unidos».

“Tudo isto” — disse ainda o Cardeal — «não significa que escondamos a nós próprios as montanhas de obstáculos e de dificuldades que existem ainda no nosso caminho. Tivemos exemplo na última semana da terceira sessão conciliar. (...) Acima de tudo nunca nos deixemos desencorajar. (...) A nossa caridade fraternal e o amor da unidade dar-nos-ão a coragem dum diálogo franco, mesmo sobre as questões difíceis. Isto é igualmente válido para os colóquios a ter sobre um campo mais delicado, o da doutrina. Para estes, todos temos uma base comum: a Palavra de Deus nas Sagradas Escrituras».

UM DIA HISTÓRICO

O Primeiro Domingo da Quaresma deste ano (dia 7 de Março) constituiu sem dúvida uma data notável na história da Igreja em Portugal. Recitou-se em vernáculo pela primeira vez após séculos de uso exclusivo do latim, a parte audível da Missa, nas Igrejas Católicas Romanas do nosso País.

Nós, Católicos Lusitanos (que há 85 anos celebramos a Eucaristia em nossa língua), damos graças a Deus pela bênção que este facto encerra para os nossos Irmãos da Comunhão Romana e pela renovação espiritual que este uso não poderá deixar de trazer.

(Continua na pág. 8)

SERVO BOM E FIEL

Com o falecimento do rev. Cónego Josué Ferreira de Sousa, ocorrido em Lisboa no passado dia 30 de Dezembro de 1964 — de que só foi possível dar no último número resumida notícia — passou deste mundo um dos últimos contemporâneos dos nossos reformadores de 1880.

Filho do rev. Cândido Joaquim de Sousa, primeiro ministro da Igreja Lusitana a receber Ordens Sacras segundo o Rito lusitano e o seu segundo Presidente do Sinodo, nasceu no Porto em 12 de Fevereiro de 1876. Depois de cursar um instituto de ensino secundário, estudou teologia e grego com o Cónego Godofredo Pope, ao tempo Capelão da Igreja Anglicana de São Jorge.

Em 1897, a seguir ao falecimento do respectivo pároco, rev. João da Costa



Cónego Josué F. de Sousa

Almeida, foi nomeado ministro secular da Igreja da Santíssima Trindade, em Rio de Mouro e, após haver sido ordenado, foi pároco desta Congregação até 1905. Simultaneamente, colaborou na organização da Paróquia do Espírito Santo em Setúbal.

Foi instituído Diácono em 19 de Fevereiro de 1889 por Lord Plunket, então Bispo de Meath, e ordenado Presbítero em 20 de Outubro de 1901 por D. Juan Cabrera, Bispo da Igreja Espanhola.

Em 24 de Maio de 1905 foi instituído Pároco da Igreja de São Pedro em Lisboa, sucedendo a seu pai. Desempenhou esse cargo durante quase 60 anos com amor e dedicação exemplares. Exerceu ainda o lugar de Secretário do Sinodo durante bastantes anos, e foi director das escolas

(Continua na pág. 8)

Publicações Recebidas

Crítica de livros e revistas teológicas

2 livros de Max Thurian: «O HOMEM MODERNO E A VIDA ESPIRITUAL» e «A UNIDADE VISÍVEL DOS CRISTÃOS E A TRADIÇÃO». — O 1.º, de 158 pág.; ed. Duas Cidades, S. Paulo, Brasil, 1963; tradução de Livia M. G. Ferreira; Imprimatur, S. Paulo. + Vicente Zioni. B. Aux. Vig. Geral. — O 2.º, de 216 pág.; ed. Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1964; trad. Manuel Martins; Circulo do Humanismo Cristão.

Max Thurian é o Vice-Prior da Comunidade Protestante de Taizé. Esta comunidade de monges da Igreja Reformada está precisamente situada na região onde nos tempos medievais floresceu a famosa ordem monástica de Cluny. Os primeiros irmãos de Taizé fizeram profissão de fé no domingo de Páscoa de 1949, consagrando as suas vidas por votos solenes «ao serviço em comum de Jesus Cristo, na Igreja e no mundo», conforme diz a Regra de Taizé, redigida por Roger Schutz, seu fundador e prior, a quem tivemos o gosto de ver e ouvir, juntamente com Max Thurian, através da Rádio Televisão Portuguesa, entrevistados em Roma como observadores protestantes ao Concílio do Vaticano II.

«A experiência de Taizé — diz Frei Bevenuto de Santa Cruz, Cat. Rom., que prefacia o primeiro livro da epígrafe — não significa nem uma cópia nem uma oposição às fórmulas tradicionais do cenobitismo católico, mas sim uma atitude eminentemente evangélica na fidelidade à Palavra de Deus, vivida, meditada e **orada**, constituindo uma experiência religiosa cristocêntrica que implica necessariamente uma experiência eclesial».

Em «O homem moderno e a vida espiritual» dá-nos o irmão Max Thurian, em linguagem isenta de pruridos literários, mas fiel a uma vivência espiritual comunicativa, através de sínteses carregadas de significado positivo de um potencial evangélico, a imagem realística do homem moderno, apressado, e avesso à oração calma, repousante e gratifera, a quem este livro ensinará a viver confiante na fé simples que o libertará do vulgar desespero, que o realizará sacramentalmente, que o situará na economia da graça libertadora do Filho de Deus. Há nesta obra uma perfeita e natural interpretação da **lex credendi** através de uma vida cristã dependente da **lex orandi**. «Oração» é a palavra-chave deste magnífico livro; «acção», a sua palavra-objectivo, a porta humano-cristã que a oração abre de par em par.

Não obstante a clareza com que o autor nos mostra, através de todo o livro, que a oração não tem finalidade em si mesma — que não é um fim mas um meio, pois não vivemos para orar: oramos para viver, se nos é permitido parafrasear o velho aforismo atribuído a Sócrates — deparamos a certa altura com uma «razão teológica da oração». Thurian vai ao ponto de afirmar que «a oração será autêntica se unir à adoração de Deus a intercessão por todos os homens que sofrem».

A obra divide-se em quatro capítulos, que constituem um agradável **crescendo**, de grande efeito, representando perfeitas sínteses dos pensamentos expostos pelo autor; e cada capítulo inclui vários subtítulos, através dos quais Thurian fornece as cambiantes da sua mensagem magistralmente ordenada. Há uma concepção de mundivivência e de necessidade teológica de metamorfose, que tornam mais negativa a tese de um Kafka, mais positiva a dum lonesco. Os capítulos intitulam-se, pela sua ordem: Acção e contemplação — A vida de oração simples — O sofrimento como oração — Vida litúrgica.

O Vice-Prior de Taizé não nos surge na obra como o monge, no sentido em que a palavra tem vivido através de séculos, nem se apresenta como teólogo ensimesmado ou ufano da sua erudição, mas como um companheiro humilde e carinhoso, prudente e franco, humano e cristão. Adivinha-se, contudo, para além dos tortos pensamentos de mensagens já vividas e sofridas, a gigantesca dimensão teológica de Max Thurian, em quem converge algo do heideggerianismo de Bultmann, do tomismo de Barth e do aristotelismo de Schleiermacher; em quem divergem todos, na atitude única de uma alma ecuménica nos preceitos evangélicos, que convida a abrir os braços da fé e da esperança, que são carris conducentes ao amor de Deus e dos nossos irmãos: de todos os que confessam a fé no Filho do Deus vivo e verdadeiro.

«A Igreja — diz o A. (pág. 40) — deve amar o progresso técnico, alegrar-se de que surja, e não procurar, aliás em vão, conter-lhe o impulso (...). É unicamente a exigência do amor de Deus e do homem que deve inspirar a Igreja nas suas advertências e no combate social a que tenha de entregar-se. Que jamais o espírito reaccionário e conservador de um pretensio ideal paradisíaco possa vir a ditar as suas exortações».

Só lamentamos que «O homem moderno e a vida espiritual» não tenha sido traduzido em melhor português, não obstante a tradutora revelar um bom conhecimento da linguagem e da mentalidade protestantes, virtude que conferiu à tradução certa fidelidade que nem sempre transparece na versão lisboeta de «A unidade visível dos cristãos e a tradição».

Thurian dedica este segundo livro «ao Conselho Ecuménico das Igrejas, com o pensamento no II Concílio do Vaticano».

Aos dois capítulos, que dão forma e título ao livro, acrescentou o A. um terceiro, que intitulou de «Conversão espiritual e oração pela unidade» e que é de certo modo uma síntese hegeliana dos outros dois. Se no primeiro livro a que nos referimos Thurian se revela numa linha de singeleza de forma para melhor cuidar da pureza do conteúdo, de que conscientemente ele conhecia o valor alimentício para a alma perturbada do homem do nosso tempo, nesta obra, tão interessante como valiosa, já encontramos a cada passo o teólogo, o doutrinador, o mestre versado em assuntos muito elevados, para chegar aos quais não precisa de fazer esforço. O ritmo, a fluência e a eloquência são idênticos nos dois livros; só a erudição tomou melhor assento neste segundo, dada a transcendência da matéria, dado o público a que se destina.

No primeiro capítulo, assistimos maravilhados a uma magnífica exposição da unidade, que caminha do invisível para o visível, e que se define através das suas claras proposições como certa estrutura funcional de Deus, da Natureza, da Escritura Sagrada e do Homem.

No primeiro livro encontramos como «tónica» a **oração** dos cristãos em prol do homem agitado, de vida trepidante, num anseio para que essa oração se transfere neles em fonte de graça e refrigério para os seus corações inquietos; em «A unidade visível dos cristãos» salienta-se agora a «dominante» **unidade**, que nos acusa de «servos inúteis que nem sequer cumprimos o nosso dever em relação a Deus e aos irmãos. «Um protestante — diz o erudito monge calvinista — não seria verdadeiramente fiel se não acreditasse que Cristo quer conduzi-lo na verdade total, mesmo numa verdade de que actualmente ele não está consciente» (pág. 201). E dirigindo-se a todos, diz: «O dinamismo da Cruz, que impele toda a criação e toda a humanidade para a unidade com Deus e em Deus, não pode ser contrariado pelas nossas pequenas divergências eclesiásticas». Thurian considera essas divergências pequenas, e, se pensarmos bem, elas são de facto pequenas: o orgulho é que é grande.

Embora ousada, mas delicadamente, Thurian vai ao cerne da questão, preconizando-

um sistema ou uma fórmula para a unidade dos cristãos na Terra, na base da qual estariam o sacramento do baptismo em nome de Jesus e a Sagrada Escritura, à luz dos primeiros quatro Concílios, que a autorizam e a interpretam. Estas condições **sine quibus non** para uma real unidade não implicariam, contudo, aceitação total e recíproca de princípios. E os argumentos como o seguinte abundam: «Os cristãos não podem continuar eternamente a analisar-se mutuamente enquanto milhões de homens sofrem e têm fome de pão material e espiritual».

Quando discute a unidade de ministério, propõe o A. um sistema de ordem eclesiástica que, **mutatis mutandis**, se identifica com o adoptado desde o princípio pela Igreja Lusitana. Diz Thurian: «A solução ecuménica reside na união harmoniosa das duas formas, episcopal e sinodal. O conselho do bispo deveria ser o mais amplo possível e tomaria a forma anual de um sínodo com pastores e leigos delegados (por exemplo um pastor e um leigo por paróquia). O bispo seguiria a opinião do sínodo em todos os problemas importantes. Para os de menor importância, o bispo agiria rodeado de um conselho sinodal permanente».

Na sua magnífica tese sobre o conceito e a realidade da Tradição, que soube abordar e desenvolver com notável prestígio e desembaraço, dada a sua condição de Pastor da Igreja Reformada, apresenta-nos Thurian o seguinte esquema, em que considera a tradição sob três aspectos diferentes e complementares:

— como a própria vida do Evangelho na Igreja,

— como o acto pelo qual a Igreja transmite o Evangelho,

— como o dado resultante desta vida e deste acto na Igreja.

Seguem-se depois três eloquentes exposições, subordinadas aos temas anteriores.

«A unidade dos Cristãos que a nossa oração implora — diz Max Thurian, no último capítulo — não será uma espécie de compromisso ou de arranjo mais ou menos bem sucedido, mas sim a redescoberta pelos nossos espíritos, actualmente ainda na cegueira, da unidade perfeita e visível que o Corpo de Cristo nos permite viver desde já pela fé».

Ambos os livros, como aludimos nas notas que damos acima, são do maior interesse para todos os que dentro de qualquer confissão cristã estejam empenhados na causa da unidade visível dos cristãos, em cumprimento das palavras de Nosso Senhor: «Para que eles sejam um». Por isso recomendamos a sua leitura com entusiasmo.

J. Soares Carvalho

O Despertar e os Irmãos Separados

Na Semana do Oitavário, tivemos ocasião de receber na nossa redacção lestemunhos do mais elevado sentido ecuménico. Houve realmente da parte dos nossos irmãos católicos romanos um verdadeiro espírito de aproximação, com entusiasmo sincero de verem desaparecidas as barreiras que nos separam. É verdade que este desaparecimento não depende directamente nem de nós nem dos crentes católicos romanos, mas sim da evolução do mundo católico, que será, como se tem dito, como Deus quiser e quando Ele entender.

Mas esta amizade que se está tornando bem forte tem algo de surpreendente e de revelador. Um novo espírito anima, sem dúvida, as Igrejas irmãs que um frio silêncio, ainda há apenas uns anos separava. E esse espírito, e a Fé que remove montanhas, serão os dos homens para quem os anjos cantam «Glória a Deus nas alturas e Paz aos homens a quem Ele quer bem».

Eis as cartas que recebemos:

Ex.^{ma} Sr. Director de «O Despertar»

(...) Não há dúvida de que estamos a ser testemunhas de algo de novo na Igreja do Senhor. O sopro renovador do Espírito está operando prodígios à nossa vista. Nós estamos-nos encontrando e reconhecendo como irmãos, filhos do mesmo Pai que está no Céu. Queira o Senhor abater as barreiras do nosso orgulho, dos nossos preconceitos, dos nossos receios infundados, dos nossos zelos apressados, e a Unidade do Povo de Deus, reunido de todos os lugares da terra, de todas as culturas, de todas as mentalidades, será um facto.

Hoje mesmo num encontro de seminaristas, a propósito da semana que estamos vivendo, tive oportunidade de ler a carta que me enviou (suponho que não foi inconfidência), e a alegria de verificar que todos sentiram a mesma edificação espiritual que eu próprio experimentara ao lê-la. E tivemos oportunidade de concluir, que mesmo no nosso país, onde, (não há qualquer dificuldade em reconhecê-lo), se verifica um lamentável atraso de mentalidade quanto ao movimento ecuménico, tanto na Igreja Católica Romana, como em quase todas as outras igrejas e comunidades cristãs, apesar de tudo já é possível dialogar fraternalmente e na caridade.

Muito obrigado também, pelo envio, do pequeno folheto, com sugestões para o oitavário de oração pela unidade dos Cristãos. Tivemos também a alegria de verificar, que o texto é precisamente o mesmo, que nós cá seguimos, recebido do Centro para a Unidade Cristã de Lyon. Quando irmãos, separados embora, se juntam para rezar, e rezam pela mesma intenção e utilizando a mesma linguagem, o Senhor que é Pai, não pode deixar de ouvir. Ele nos atenderá. Ele há-de remover os obstáculos, que séculos, de incompreensão e distância mútuas, acumularam. O Senhor há-de constituir no-

vamente o Seu Povo, num só rebanho, já que há um só Pastor: Cristo. (...)

Muito reconhecidamente, etc..

a) P. António José Pinto Ribeiro

Ex.^{ma} Senhor Director de «O Despertar»

«... Quero para já dizer umas palavras de amizade fraterna.

1.º — Sem descurarmos o aprofundamento recíproco do conhecimento da Mensagem da Salvação, procuremos sobretudo manter a união na caridade. Aliás está ali o fulcro da Mensagem.

2.º — Ajudem-nos uns aos outros, quer no melhor conhecimento vital de Cristo, quer na renovação das nossas estruturas pastorais em ordem a que elas sirvam o Reino de Deus com o máximo de docilidade, quer ainda na necessária renovação da mentalidade que está em muitas coisas cristalizada em fórmulas ultrapassadas.

Ao dizer isto, não me refiro senão a nós na Igreja Católica, onde sentimos que urge activar o sopro da renovação.

Não sei se vós sentis problemas semelhantes. Há, porém, pelo menos um capítulo pastoral em que a vossa experiência nos pode ser bastante útil. Trata-se da Reforma litúrgica. (...)

Fraternalmente», etc..

a) P. José da Felicidade Alves

São Paulo — Brasil

Sr. Director, caríssimo em Cristo:

Lamento o nosso desencontro, em Lisboa, mas espero que teremos ainda uma nova oportunidade (...)

(...) Outro pensamento que me ocorre sempre, como uma forma de obsessão,

(Continua na pág. 8)

Prémio Luís Fernando Crespo

Em comemoração do 1.º aniversário do falecimento do malogrado jovem da nossa Igreja, Luís Fernando, que o Senhor chamou a Si em 22 de Fevereiro de 1964, em Angola, seu saudoso pai, o rev. Luís Manuel Crespo, instituiu um prémio anual, a conceder em concurso literário sobre tema bíblico, entre a juventude cristã, nas condições seguintes:

1.º — Os concorrentes podem ser de ambos os sexos, dos 19 aos 22 anos de idade;

2.º — Os trabalhos enviados deverão ser dactilografados em cinco laudas, no máximo, do formato habitual do papel de carta, em linhas entrelinhadas, tendo por tema, neste 1.º ano: «A actualidade ética do José no Egipto: no seu cavaleirismo quando escravo, ou no sentimento fraternal e no tacto administrativo, quando chefe»;

3.º — Os sinais identificadores de cada concorrente, nome, residência, etc., devem ser enviados à Comissão de Juri, em sobrescrito fechado. Desses, só será aberto o premiado depois da decisão classificadora do Juri;

4.º — O prémio, será, neste 1.º ano, de Esc. 300\$00, e será entregue com diploma comprovativo, em sessão a anunciar em devido tempo, ao autor do melhor trabalho, segundo decisão do Júri;

5.º — A correspondência referente ao presente concurso deverá ser enviada à Comissão, constituída por Cónego E. Moreira, dr David Lutero de Moraes Freire, e David Payne Rodrigues Pereira, na Catedral de S. Paulo, da Igreja Lusitana, Janelas Verdes, Lisboa 2.

AGRADECIMENTO

A família do rev. Cónego Josué de Sousa, por desconhecimento das moradas de muitas pessoas que lhe endereçaram condolências, vem por este meio manifestar o seu profundo reconhecimento por todas as provas de simpatia que lhe dirigiram.

Ao senhor D. Luís, que bondosamente presidiu aos Offícios fúnebres; ao Clero que tomou parte nos mesmos Offícios, e aos do norte que se fizeram representar no funeral pelo rev. Venâncio de Oliveira, apresentamos a expressão do nosso muito reconhecimento.

O Despertar e os Irmãos Separados

(Continuação da pág. 7)

no bom sentido, é o de assumir sempre a prioridade nas questões de ecumenismo. Não ficar à espera de que outros nos levem a dianteira nas atitudes fraternais, mas assumirmos, nós mesmos, a frente. A paz de Cristo não é negociada; é dada: «A Paz vos deixo, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou, como a dá o mundo».

Eu sempre pensei, e penso ainda, que a Igreja Lusitana se encontra, nesta matéria, em situação privilegiada. Reconhece a validade do baptismo conferido por outros grupos cristãos, sem esperar retribuição. Reconhece a validade das sagradas ordens católicas romanas sem pensar em pagamento na mesma moeda. E assim em tudo. Tenho grande admiração pela família lusitana.

A Igreja Lusitana está em condições de resar pelo Papa, e tratá-lo com estima e amor, sem pensar em qualquer retribuição. Salve Igreja Lusitana! Cumpre o teu destino, no espírito da tua vocação!

Com a Nossa Bênção

Afectuosamente em N. S. J. C.

+ Salomão Ferraz, O. S. A.

Bispo de Eleuterna

SERVO BOM E FIEL

(Continuação da pág. 5)

primárias anexas às Paróquias da Santíssima Trindade e de São Pedro e colaborou em vários jornais evangélicos, especialmente em «O Evangelista», antigo órgão da Igreja.

Em consequência das dificuldades que atingiram a Igreja, sobretudo a seguir à Primeira Grande Guerra, foi, como outros ministros, obrigado a procurar trabalho secular dedicando-se ao ensino de línguas.

«Servo bom e fiel», as suas virtudes receberam justa consagração quando, em Dezembro de 1960, foi nomeado cónego da Catedral de São Paulo.

ADMINISTRAÇÃO

Não deixou de ter eco no coração de alguns leitores a notícia do «deficit» que dificulta a saída do nosso Jornal. Temos o prazer de anunciar dois donativos que esperamos sejam o começo de outras respostas generosas e ao mesmo tempo demonstrativas de que se reconhece o papel importante do Despertar na vida das nossas Paróquias.

Anónimo 100\$00
Cónego Eduardo Moreira 90\$00
A transportar 190\$00

Um dia histórico

(Continuação da pág. 5)

Estamos plenamente convencidos de que para já, este grande passo, e daqui a poucos anos a grande reforma que se espera de todo o Rito, contribuirão largamente para corrigir tanto desvio da piedade popular (infelizmente mais tolerado do que nos parece a nós devia acontecer), que tanto tem deformado a face da Igreja Católica Romana.

De facto, é impossível uma mais profunda participação na celebração da Eucaristia, que representa maior tomada de consciência do Sacerdócio universal de todos os fiéis, sem se tornar muito mais cristocêntrica a vida devocional.

Com maior uso dos Salmos, no Introito, no Ofertório, e durante a comunhão, a influência do estilo terso e sóbrio das orações do Missal (tantas delas adoptadas pelos nossos Reformadores em 1880), e maior variedade de leituras bíblicas que se espera venha a ser adoptada, ficarão relegadas de vez ao esquecimento dos arquivos empoeirados, os milhentos manuais «piedosos» e devoçoezinhas... *românticas*, que constituiram o encanto dos devotos doutros tempos e a náusea dos entusiastas do Movimento Litúrgico.

Como disse um distinto membro da Comissão Episcopal de Liturgia, em seu boletim paroquial, a tradução está na fase de «rodagem». Só quem já experimentou traduzir peças litúrgicas é que pode avaliar a tremenda tarefa em que a Comissão está empenhada e quanto devemos ampará-la com as nossas orações. Eis um acto de ecumenismo espiritual acessível a todos nós, clérigos e leigos da Igreja Lusitana.

GESTO FRATERNO

Desde 1949 que de dois em dois anos se realiza na Alemanha uma grande reunião da Igreja Evangélica Alemã (Luterana) a que se chama o «Kirchentag».

Tem esta reunião por fim estimular a vida eclesial dos protestantes alemães, de modo a aumentar e valorizar a sua participação nas actividades seculares e religiosas da Alemanha.

O «Kirchentag» este ano tem lugar em Colónia, de 28 de Julho a 1 de Agosto, com o seguinte tema: «Permanecei firmes na liberdade» (Gálatas c. V).

Espera-se que 300.000 pessoas tomem parte nele. Por esse motivo, o Cardeal José Frings, Arcebispo de Colónia e Presidente da Conferência dos Bispos Católicos Romanos alemães, anunciou que ele e os membros da sua diocese, hospedariam em suas casas 40.000 dos visitantes protestantes esperados em Colónia no próximo Verão.

MENSAGEM EPISCOPAL

QUARESMA*(Continuação da pág. 1)*

e agradecimento a Cristo pela Sua renúncia e sacrifício, que nos abriam o caminho da bem-aventurança eterna, e também como actos de intercessão pelos pecadores e de expressão da nossa própria contrição.

Sobre toda a Quaresma projecta-se a sombra da cruz. A Quaresma deve ser pois um aprofundamento de identificação com a cruz, sobretudo no que ela significa de repulsa do orgulho e de outras formas de egoísmo. Isto há-de produzir em nós aquela tristeza por termos ofendido a Deus, que o roxo da cor litúrgica evoca e simboliza.

Gratos pelo perdão que Ele não recusa nunca aos que se arrependem e confessam os seus pecados, os fiéis que tomam a sério a Quaresma, encontrarão inspiração toda particular no acto da mulher do Evangelho, que nas vésperas da Paixão quebrou o vaso de alabastro com unguento «de muito preço», para com ele ungir o Senhor.

Nenhum esforço, nenhum sacrifício, nada enfim é bom demais, para pôr aos pés de Quem tanto nos amou e tão completamente Se sacrificou por nós.

+ Luís, Bispo

EDITORIAL*(Continuação da pág. 1)*

Os assuntos a discutir são enviados a todos os membros do Sínodo com bastante antecedência. Há oportunidade para trocar impressões, para saber a opinião dos paroquianos, para uma preparação do que se vai resolver.

Depois de tudo discutido e aprovado, segundo o consenso ge-

PALAVRAS CLARAS!

Do nosso prezado colega «A VOZ» com a devida vénia transcrevemos alguns trechos do discurso proferido pelo P. Avery Dulles, S. I. (filho do antigo estadista Foster Dulles) no Santuário da Imaculada Conceição, em Washington, num dos dias da Semana de Oração pela Unidade; as suas palavras dispensam comentários:

A reunião da Igreja católica e das Igrejas protestantes iria ao encontro de um dos mais profundos desejos de Martinho Lutero, que pretendia criar uma Igreja que fosse verdadeiramente reformada e unida. A reforma tinha enorme significado positivo para os católicos, porque veio numa altura em que a piedade cristã estava minada pela vida escandalosa de alguns dignitários da Igreja, por uma descarada superstição e por ensinamentos teológicos incompatíveis com o Evangelho.

Embora o Concílio de Trento tenha sanado alguns destes males, não enfrentou outras necessidades vistas por Lutero, entre as quais devemos enumerar uma teologia escritural, um liturgia vernácula viva, a restauração da dignidade do laicado e a revivescência da pregação.

«A Igreja da Contra Reforma não deu suficiente atenção a estes

sãos princípios de Lutero», continuou o Padre Dulles. «Só nesta geração é que o catolicismo começou a ser genuinamente autocrítico. Desde que o Papa João convocou o Segundo Concílio do Vaticano, a Igreja tem andado empenhada num vasto programa de auto-exame e auto-reforma, muito do qual está de acordo com o impulso central da Reforma.

A reforma da Igreja católica tem conduzido a uma nova reforma das Igrejas protestantes e estes movimentos empreendidos em conjunto podem conduzir a uma plena unidade, resultado que não teria desagradado a Lutero. Os modernos pensadores luteranos dizem com frequência que Lutero encarava a Reforma como movimento correctivo dentro da Igreja católica.

«Ele queria, sem dúvida uma Igreja reformada, mas não separada. A única Igreja que ele queria reformar era a Santa Igreja Católica, fundada pelo próprio Cristo. Se tudo isto é verdade, devemos concluir que a Reforma de Lutero é ainda uma coisa que perdura. Enquanto houver duas Cristandades separadas, a protestante e a católica, o seu objectivo não está plenamente alcançado».

De «A Voz» de 28-2-65

ral, isto é, pela maioria de votos, não se pode de boa mente aceitar quem, por qualquer motivo, mesmo justo que pareça, se levante gritando «aquí d'El-Rei» por que não concorda com o resolvido, demais quando os seus representantes não defenderam com denodo a sua «dama» ou ainda pior, quando nem sequer abriram a boca!... E se não falaram, calem-se para sempre, na fórmula do nosso Livro de Oração Comum, quando em ocasiões solenes pede aos assistentes que se manifestem sobre a legalidade da cerimónia.

As coisas humanas não são definitivas. A Igreja ainda que

imutável na sua doutrina, evolui no modo de a apresentar e no sentido duma mais lógica interpretação e duma melhor organização.

Se qualquer assunto resolvido tem de ser modificado só o tempo e a experiência o poderão dizer.

E' isto obediência canónica. E' isto disciplina cristã o acatar as resoluções dos organismos dirigentes, quando eles deram na altura devida a máxima oportunidade de discussão.

O contrário é desorganização, é dissolução da boa ordem e da decência que o Apóstolo manda que tenhamos em todas as coisas.

Panorama Ecuménico

Espanha

Cultos Ecuménicos entre Protestantes e Católicos Romanos em Madrid

Durante a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos realizaram-se em Madrid cultos presididos por sacerdotes e pastores, primeiro num Templo da Igreja Evangélica Espanhola e depois na Igreja (Católica Romana) do Centro Ecuménico Oriental (capela de rito bizantino). Os encontros foram seis e os oficiantes utilizaram o folheto do Conselho Mundial «Eis que faço novas todas as coisas».

Ao longo da mesma semana foram proferidas conferências, respectivamente, por um sacerdote, um professor católico-romano de teologia, um pastor espanhol e um irmão de Taizé. O Pastor Benito Corvillon, presidente da Igreja Evangélica Espanhola falou acerca do Conselho Mundial das Igrejas e o Irmão Robert expos os esforços empreendidos pela Comunidade de Taizé em ordem à unidade dos cristãos. Após a conferência o Pastor Corvillon, o Pastor Humberto Capó e Mgr. Guerra, bispo auxiliar de Madrid, usaram da palavra, seguindo-se um encontro do bispo com pastores e sacerdotes.

No dia 5 de Janeiro, o serviço de encerramento foi presidido pelo Arcebispo de Madrid. Mgr. Guerra pregou um sermão de características evangélicas e o Arcebispo proferiu a oração de arrependimento e humilhação pelas injustiças cometidas para com os «irmãos separados». Fiéis, católicos e protestantes assistiram à cerimónia. Após o serviço o Arcebispo de Madrid manifestou o desejo de conhecer os pastores presentes, havendo depois interessante troca de pontos de vista entre eclesiásticos católicos romanos e protestantes.

Brasil

Culto ecuménico

O Estandarte Cristão, da Igreja Irmã no Brasil, nos seus números de Dezembro e Janeiro últimos, dá-nos a notícia de que entre as comemorações do 72.º aniversário da Igreja do Redentor, na cidade de Pelotas, realizou-se um Offício ecuménico em que pregaram um Pastor Luterano e o Cónego Gurdel, da Diocese Católica Romana local. Cantaram em conjunto o coro da Paróquia anglicana, e o coral católico romano de Sto. António, da Catedral de Pelotas.

O Pároco, rev. Eglon Feldens, disse ao jornalista que o entrevistou: «Sómente espíritos cépticos ou retrógrados poderão fechar-se à vigorosa acção de Deus em Sua Igreja, onde de alguns anos para cá se vem evidenciando dia após dia, o crescimento em amplitude e profundidade e do movimento que visa à união orgânica de todos os cristãos. Esta é a convicção do Conselho Mundial das Igrejas, que congrega as principais Igrejas Evangélicas e as Comunhões Anglicana, e Ortodoxa...»

Arcebispo de Recife

D. Helder Câmara, Arcebispo de Recife, visitou durante a Semana de Oração pela Unidade, a Igreja Anglicana da SS. Trindade, em Recife, onde pregou.

Repercutiu favoravelmente nos meios religiosos da Capital Pernambucana, o gesto de fraternidade cristã do famoso prelado.

Portugal

No primeiro dia do Oitavário de Oração pela Unidade, celebrou-se numa das dependências da nossa Catedral, um culto ecuménico, com a participação de católicos romanos devidamente autorizados. O culto foi dirigido pelo Rev.º Bispo da Igreja Lusitana, sendo as lições bíblicas lidas por uma senhora da Acção Católica.

Notícias de Portugal

Retiro Nacional de Obreiros

Como havia sido determinado pelos representantes de quase todas as Igrejas Evangélicas em Portugal, reunidos na Figueira da Foz em 28 de Maio do ano passado, realizou-se em Novembro passado, no Porto e em Lisboa, o Retiro Nacional de Obreiros.

Escocesa de Sto. André, onde o casamento comemorado se celebrou, proferiu breve exortação e prece em inglês. A Eucaristia foi celebrada pelo senhor D. Luís que pronunciou a homília.

Quer a música litúrgica quer a dos hinos era da autoria do dr Leopoldo de Figueiredo, excepto a do «Te Deum», escrita por seu irmão Prof. Eurico de Figueiredo.

Entre a numerosa assistência contavam-se vários colegas do nosso Director, entre os quais cinco professores da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Paróquia de São Pedro Lisboa

Visita pastoral

No domingo 17 de Janeiro, esta Paróquia teve mais uma vez a honra de receber a visita do Bispo Diocesano, que presidiu ao Offício Matutino. Pregou o senhor D. Luís que foi escutado, como sempre, com muito interesse.

Colação do Rev. Josué de Sousa J.º

Ouvida a Comissão Permanente, o senhor D. Luís nomeou Pároco desta Igreja o rev. Presbítero Josué Ferreira de Sousa J.º que já era Pároco interino da mesma Congregação desde o falecimento do saudoso Cónego Josué de Sousa.

O senhor Bispo procedeu à respectiva Colação no passado domingo 14 de Março.

Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos

Nos serviços divinos realizados entre 18 e 25 de Janeiro, foi seguida a liturgia especialmente preparada pela Comissão

de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas para o Oitavário desde ano.

Planos da nova Junta Paroquial

No domingo 31 de Janeiro realizou-se a Assembleia Eleitoral para escolha da Junta Paroquial de 1965. A Junta recém-eleita prepara-se para dar início às obras exteriores e interiores do Templo, das quais está bastante carecido.

Sociedade de Senhores

A Sociedade de Senhoras, que reúne regularmente na última quarta-feira de cada mês, está manifestando bastante entusiasmo e realizando trabalhos de interesse nesta congregação.

«O Despertar»

Sempre ansiosamente esperado por esta Paróquia, o número 50 deste Boletim recebeu especial interesse pelo Editorial e «Notas e Comentários» de Paulo Agostinho.

Paróquia de Cristo Remidor

No dia 14 de Janeiro, o senhor Bispo instituiu Pároco desta Congregação o rev. Octávio Guedes Coelho. Na mesma ocasião o senhor D. Luís dedicou os dois castiçais mandados fazer pelo dr. Leopoldo de Figueiredo quando da construção do Templo e agora colocados por autorização do Bispo, ouvida a Comissão Permanente e acedendo a petição unânime tanto da Junta Paroquial como de toda Congregação.

PELA IGREJA

Noticiário Paroquial

Paróquia do Salvador do Mundo

Vila Nova de Gaia

Reverendo Arcipreste

O rev. Arcipreste dr. Daniel de Pina Cabral visitou esta paróquia no passado domingo 21 de Fevereiro. No púlpito, dissertou sobre o Privilégio e a Responsabilidade das Juntas Paroquiais sendo escutado com muito agrado.

Reunião social

A exemplo dos anos anteriores, o Esforço Cristão do Prado realizou mais uma reunião social, no sábado dia 27 de Fevereiro. Deu preciosa colaboração o Esforço Cristão da Igreja Metodista do Mirante.

Paróquia da Catedral de São Paulo

Acção de Graças

No sábado 27 de Fevereiro, em acção de graças pelo progressivo restabelecimento do nosso Director, após a doença que o atingiu há cerca de um ano, e ainda pelo 30.º aniversário do seu casamento, celebrou-se a Santa Eucaristia, cantando-se depois o «Te Deum».

Antes de começar a Eucaristia, o rev. K. Tysen ministro da Igreja Presbiteriana